

PERNIOLA, Mario. *Os Situacionistas: O movimento que profetizou a “Sociedade do Espetáculo”*. São Paulo: Annablume, 2009. 112 pg.

Marcus Vinícius Costa da Conceição¹

O livro de Mario Perniola² – professor de estética da Universidade de Roma *Tor Vergata* – apesar de recém publicado no Brasil, pode e deve ser considerado uma leitura obrigatória para aqueles que se interessam pela Internacional Situacionista (IS). Fruto de um texto escrito para a revista *Agaragar* em 1972, do qual era editor, pouco tempo após a dissolução da IS, o livro analisa as contribuições teóricas e práticas e as dificuldades de organização e de identidade, daquela que para o autor foi a última vanguarda histórica do século XX (p.13).

Antes de entrar especificamente na análise da obra, cabe um comentário em relação à edição brasileira. Depois de uma belíssima edição de *A arquitetura e urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista* de Vanessa Grossman (2006), a Annablume faz o que há de pior em editoração com a primeira edição da obra de Perniola. Parece que publicado às pressas devido a uma passagem do autor pelo Brasil em dezembro de 2009³, o livro tem erros grosseiros de português que muitas vezes tornam a leitura truncada e confusa. Há também escolhas de tradução bem questionáveis como a realizada no capítulo 3 em que se utiliza em vez de Argélia, Algéria em clara sintonia com o nome em inglês desse país. Qual terá sido o motivo desta escolha, uma vez que este nome não é nunca utilizado em língua portuguesa?

No entanto, sem a menor dúvida, o pior problema desta edição é o subtítulo adicionado pelo editor brasileiro à obra (que no original se chama somente *Os Situacionistas*) *O movimento que profetizou a ‘Sociedade do Espetáculo’*. Durante todo o texto Mario Perniola faz justamente o contrário do que este subtítulo aponta, ele demonstra que a IS realizou uma análise concreta da realidade, com todos os seus acertos e limitações (como será apontado nesta resenha), e não uma profecia digna de seitas religiosas. Parece que o subtítulo foi dado por alguém que nem se esforçou em ler ou compreender o livro, ou até pior, se utilizou de um subtítulo polêmico para chamar a atenção e alcançar uma maior

¹ Mestrando pelo programa de pós-graduação *scripto sensu* em História, com área de concentração em História Poder e Práticas Sociais da UNIOESTE. Linha de pesquisa: Estado e Poder. Bolsista CAPES.

² Mario Perniola teve um contato próximo aos situacionistas entre 1966 e 1969, desta forma seu livro não pode ser enxergado somente como uma leitura fria das ações situacionistas, mas também como um relato de quem viveu e conheceu o grupo.

³ <http://grupoatopos.blogspot.com/2009/11/mario-perniola-debate-comunicacao-e.html> acesso em 28/04/2010. Divulgação da palestra e dos lançamentos de livros realizados pelo autor em sua passagem pelo Brasil em dezembro de 2009.

vendagem. A IS não previu a sociedade do espetáculo, até mesmo porque ela já era uma realidade nas décadas de 1950-60, como demonstra Guy Debord no seu livro *A Sociedade do Espetáculo* e o próprio Perniola. Não é de se estranhar que Guy Debord já em 1979, no *Prefácio à 4ª edição italiana de A Sociedade do Espetáculo*, demonstrou como era complicado fazer uma tradução da sua obra que conseguisse demonstrar seus verdadeiros aspectos, ressaltando o exemplo do caso italiano que somente na sua quarta edição foi capaz de fazer uma tradução comparável com o sentido original da obra em francês.

A obra de Mario Perniola é dividida em três capítulos, sendo que cada um corresponde a um período do movimento situacionista. O primeiro trata da dita fase "artística" deste movimento (1957 – 1962); o segundo capítulo analisa a fase teórica (1962 – 1967); e o terceiro aborda a realização da teoria e de como a IS a usou para a análise de situações concretas (1967 – 1972). Essa divisão realizada pelo autor reflete de modo muito claro as transformações por que a IS passou e é possível observá-la nitidamente nos escritos situacionistas, tanto que esta acabou se tornando uma divisão clássica como podemos ver nos estudos como o de HOME (1999), mesmo este não tendo tido acesso ou não citando à obra de Perniola.

A forma como se estrutura o livro *Os situacionistas* é muito parecida com o livro *A sociedade do espetáculo* de Guy Debord publicado em 1967 (2008), escrito em teses, sendo que o de Perniola encadeia de forma muito mais objetiva e clara o seu texto, não fazendo com que cada tópico seja uma ilha dentro do livro, mas fazendo com que estes tenham um sentido se lidos separadamente.

É notório que fazer a análise de um movimento contemporâneo tem seus limites e dificuldades, uma vez que elementos fundamentais para se compreender estes, só são revelados, muitas vezes, posteriormente ao seu período histórico, fazendo com que se esclareça questões que até então não tinham sido colocadas e pensadas e que muitas vezes se encontravam inacessíveis em sua época. No entanto, este autor consegue realizar nesta obra uma profunda e lúcida crítica a aspectos da IS - como o seu sectarismo, a permanência do artístico na segunda e terceira fase do grupo e as limitações sobre a teoria dos conselhos operários - que autores posteriores como HOME (1999), não conseguem ou não querem perceber.

A introdução, realizada especialmente à edição brasileira por Perniola, é uma tentativa de perceber as diferenças entre o modelo de ação da IS, mais especificamente focado na figura de Debord, e "o modo de ser do brasileiro" e de como estas são herdeiras de duas tradições totalmente distintas. Coloca de maneira limpa a falta de referências à América

Latina por parte do movimento, o que para ele gera de modo particular uma leitura mais clara do que a realizada na Europa, uma vez que aqui o pensamento do grupo chegaria sem os mal entendidos que ocorrem naquele continente. Porém, essa visão se equivoca, pois o que se pode ver é a chegada de mais materiais sobre os situacionistas do que os seus escritos, o que acaba por gerar uma leitura enviesada e direcionada em respeito a IS. Isso ocorre porque apesar dos seus principais livros e textos estarem publicados e acessíveis no Brasil, mais da metade desses não se encontra publicada e apesar dos esforços de coletivos na internet⁴ de traduzirem esses textos, eles ainda se encontram inéditos e enquanto estes não forem publicados, a leitura do movimento realizada por aqui continuará sendo um problema.

Perniola defende no primeiro capítulo a divisão da IS em dois grupos, mas diferentemente de outros autores ele não classifica esses grupos simplesmente como o grupo artístico e político – pois para ele os dois grupos ainda têm muito arraigado a concepção subjetiva artística – a sua classificação é baseada na forma como esses grupos viam a possibilidade de enxergar a constituição de uma nova era.

O primeiro distingue o motor dos novos tempos no progresso técnico, na automatização, no pleno desenvolvimento da sociedade da abundância que dilatará de modo surpreendente a quantidade de tempo livre à disposição dos trabalhadores, tenderá a eliminar o valor das mercadorias, liberará as energias criativas de todos. O segundo, ao contrário, mesmo não pondo em dúvida o papel positivo da indústria e a importância do desenvolvimento material da época, tende a ligar a possibilidade de uma nova era a um renascimento da revolução social proletária. (p. 19)

Essa visão elaborada por Perniola permite vislumbrar de uma maneira clara suas posteriores análises sobre o desenvolvimento das ideias defendidas pela IS e o porque da sua participação na revolta do maio de 1968 parisiense, uma vez a partir de 1962 é o segundo grupo que domina a sua organização e o seu desenvolvimento.

O segundo e o terceiro capítulo não podem ser analisados de maneira separada, uma vez que constituem, como o próprio autor coloca, a teoria e a sua realização. É notável, como se pode observar no livro, que enquanto no capítulo dois o autor desenvolve todos os elementos críticos desenvolvidos pela IS, no capítulo três ele demonstra como a teoria sofreu problemas ao ser posta em prática e como os situacionistas se depararam e enfrentaram esses problemas.

Ao escolherem pelo modelo da revolução social, tese desenvolvida em grande parte pelo grupo francês que tem como principais nomes Guy Debord, Michele Bernstein e Raoul

⁴ Como o coletivo Gunh Anopetil (<http://www.wodwig.co.cc/anopetil/>) e o projeto Periferia (<http://www.reocities.com/projetoperiferia5/is.htm>) que traduzem e disponibilizam textos da IS na internet.

Vaneigem, Perniola coloca como era preciso construir toda uma teoria que viesse ao encontro dessa nova forma de compreender o mundo, e a principal forma encontrada é a crítica e análise de problemas contemporâneos, assim como o aprofundamento de alguns conceitos criados no período posterior – como o de espetáculo – que passariam a partir daquele momento ter um papel central. No entanto, ao fazer a cisão entre teoria e prática na IS, Perniola destrói o cerne do pensamento do grupo que é até aquele momento o de ataque a sociedade capitalista através dos seus escritos. Apesar de reconhecer a importância da atividade teórica do movimento, Perniola não reconhece que a atuação através da revista *Internationale Situationniste* é na verdade uma ação prática, uma vez que o processo de análise e teorização da realidade são elementos fundamentais para a crítica e a construção de trincheiras dentro do capitalismo. Ao invés disso, cai na própria armadilha construída pela IS de tentar explicar o que une a teoria e a prática e de qual é o projeto situacionista de união das duas, porém, consegue apontar um elemento central desta discussão: o fato de a IS não perceber que a separação entre teoria e prática é uma visão do mundo burguês.

É interessante notar que boa parte dos subtítulos desse capítulo é intitulado por *Crítica da ideologia* (acrescida de algum adjetivo posterior, como econômica, trabalhista) demonstrando a visão da IS, de que os principais elementos da sociedade “neo-capitalista” na verdade eram ideológicos e pertencentes à burguesia. O autor demonstra como a IS se colocou como o verdadeiro pólo oposto a essas ideologias, aceitando as premissas de um grupo revolucionário, sendo que a partir disso cessaram os problemas relativos à primeira fase do movimento mas surgiram outros específicos desta, como a sua autoprocamação enquanto único grupo realmente revolucionário que existia naquele período e o seu sectarismo (atitude demonstrada com as repetidas expulsões ocorridas no movimento) e a incapacidade de conciliar as diferenças dentro do grupo.

O terceiro capítulo é aquele em que Perniola lança as suas principais críticas à IS, ao seu modo de agir e de se auto-identificar. Ele define a escolha da IS pela projeto revolucionário dos conselhos operários, como uma forma de contraposição à deformação que a revolução tinha passado na Rússia e ao modelo capitalista de sociedade. Porém, isto somente não basta, ele enxerga a visão situacionista sobre os conselhos desde a sua origem fadada ao fracasso, uma vez que optou pela adoção do subjetivismo radical, que ele define como “todos os indivíduos obedecem a uma mesma vontade de realização autêntica e que a sua subjetividade se reforça, percebendo nos outros esta sua vontade subjetiva.” (PERNIOLA, 2009, 76). A adoção desse subjetivismo radical ele vê como uma constante permanência do antigo caráter da subjetividade artística do movimento, assim como todos os demais

problemas que a IS possui. Afirma que apesar de toda teoria da construção e da sua ação no maio de 1968, foi a subjetividade artística a responsável pela derrocada do movimento. Essa visão do autor deve ser questionada a partir do momento em que se baseia, como se pode ver no decorrer do último capítulo, numa leitura estrita do livro de Raoul Vaneigem *A arte de viver para as novas gerações* (2002) e praticamente exclui as formulações colocadas por Debord (2008) que superam essas análises subjetivistas de Vaneigem. Uma das possíveis explicações para isto é o fato de que Perniola considera que o livro de Debord não consegue superar a dicotomia estabelecida pela sociedade burguesa entre teoria e prática. (p. 56)

A obra de Perniola se constitui como um excelente documento para perceber como as contribuições da IS foram recebidas na sua época. Dotado de um senso crítico fundamental para esta empreitada, o autor consegue percorrer as principais propostas e ações realizadas pela IS, não somente concordando com as suas formulações e os seus acertos, mas também demonstrando as suas falhas teóricas e os seus problemas organizativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

GROSSMAN, Vanessa. **A Arquitetura e o Urbanismo revisitados pela Internacional Situacionista.** São Paulo: Annablume / FAPESP, 2006.

HOME, Stewart. **Assalto à cultura. Utopia, subversão, guerrilha na (anti) arte do século XX.** São Paulo: Conrad, 1999.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações.** São Paulo: Conrad, 2002.

Resenha recebida em 09/09/2010

Resenha aceita em 30/11/2010